



FAMÍLIA E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE: O CAOS, O MÚLTIPLO E O MUTÁVEL PELA VIA DA IMANÊNCIA

Gabriela Reis Saraiva¹

RESUMO: Esse estudo tem como tema a família como produtora da subjetividade de seus membros em meio a tantos outros agenciamentos que compõe a rede social. Seu objetivo é investigar estudos na teoria de família, focando os membros familiares em relação e compreender a família como potencializadora de processos de subjetivação. A Esquizoanálise de Deleuze e Guattari é o marco teórico do trabalho, pensando a dinâmica familiar como uma produção inventiva e possibilitadora de novos modos de vida e como revolução que permite o deslocamento da subjetividade no dentro-fora familiar. Tais processos são imanentes e se inter-relacionam no território familiar, produzindo na dimensão de processos de subjetivação, sujeitos singulares a cada encontro e acontecimento. A metodologia utilizada é a pesquisa teórica que possibilita o engendramento do novo, do criativo e do inventivo no que tange à percepção de pesquisas anteriores, bem como estudar o processo de produção de subjetividade dos membros familiares com base na sua interação, conexão e reterritorialização na família e na sociedade mais ampla. Dessa forma, buscou-se rastrear em um plano de imanência, a multiplicidade e heterogeneidade no qual a subjetividade está presente, percorrendo fluxos de movimento conectivo que abarcam a família-rizoma e seus múltiplos efeitos na subjetividade dos membros familiares. Os resultados finais revelaram a complexidade da temática que também atua como rizoma com processos ora reprodutivos, ora inventivos, além de apontarem a família como dispositivo que engendra-se na diferença da dinâmica familiar, produzindo subjetividades e modos de existência que configuram re-invenções e re-singularizações.

PALAVRAS-CHAVE: Família; Dinâmica familiar; Produção de subjetividade; Esquizoanálise.

1 INTRODUÇÃO

A família na contemporaneidade exhibe transformações múltiplas nos permitindo experienciar processos de criação e invenção bem como de alienação e reprodução, potencializando a produção de subjetividade mesmo no “entre” de tantos agenciamentos maquínicos e discursivos a que estamos expostos.

No decorrer da prática em estágios realizados, houve a oportunidade de atender uma família que despertou curiosidade e vontade de entender melhor o funcionamento familiar, por denunciar uma forma de organização muito comum na atualidade: as famílias extensas.

A partir dessa percepção, foi possível observar como famílias nucleares estão se distanciando da realidade na pós-modernidade, de modo que a configuração familiar vem passando por grandes modificações e rearranjos. As novas configurações familiares que operam o funcionamento familiar são explicitadas diariamente empreendendo modos possíveis de relação, fomentando assim novos sentidos de convívio, interação e realidade.

Outro ponto que tive a chance de verificar durante os atendimentos foi a influência que a família produz na subjetividade de seus membros e como isso afeta o dia a dia dos membros que dela participam. A essa primeira motivação, a problematização se deu da seguinte forma:

¹ Psicóloga CRP 04/43450. Graduada pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. gabrielareissaraiva@yahoo.com.br

o que mais afeta a subjetividade dos membros da família, a configuração familiar ou sua dinâmica de funcionamento?

Pensando a família como produtora da subjetividade de seus membros de modo singular e inventivo, enrijecido e reprodutivo, despertou-se em mim a curiosidade de refletir os dispositivos que tecem as linhas criadoras e conservadoras imanentes à família e os modos como os membros familiares são afetados e [des]territorializados no dentro-fora familiar.

Com o objetivo de apostar no caos, no mutável e na diversidade de forças e fluxos que perpassam os processos de subjetivação dos membros familiares, empreendi a tentativa de dar visibilidade à dinâmica familiar, com especial atenção à produção inventiva que ela viabiliza em consonância com sua possibilidade de diferenciar-se.

Acredito que a configuração familiar em meio à rede social mais ampla movimenta a família e produz deslocamentos, entretanto é na dinâmica de funcionamento da família que está sua força potencializadora e transformadora e, imanente às redes e linhas constitutivas do rizoma-família, operam a multiplicidade de elementos e forças conectando e desconectando a subjetividade dos membros familiares.

Agenciados na dinâmica familiar, territorializações e linhas duras abalam a família, seja ela nuclear ou extensa, e afetam a forma como a família se organiza e os papéis de cada membro no sistema familiar. O envolvimento com drogas, desemprego, divórcio, violência doméstica e outros tantos fatores, causam um impacto na concepção de família das pessoas, afetando diretamente os laços sociais que os membros familiares estabelecem e sua forma de viver em sociedade.

A família, como primeiro grupo potencializador de acontecimentos e encontros, não deve ser pesquisada e limitada pelas linhas duras de sua configuração familiar e padrões, mas em sua dinâmica de funcionamento juntamente com os papéis de cada membro, para que o entendimento das relações que as pessoas estabelecem na rede social possa se dar desde seus primeiros contatos e laços sociais, que acontecem primeiramente na família.

A construção metodológica que orientou e sustentou esse estudo para ampliação da discussão sobre família e subjetividade, foi realizada a partir de uma pesquisa bibliográfica que nos deu a possibilidade de buscar diversas fontes de consulta abrangendo um maior grau de possibilidades.

Dessa forma, reunir diversas publicações atribuindo-lhes um novo sentido e uma nova forma de percepção foram fundamentais nesse estudo de modo que a família foi compreendida e estudada como ação e criação na produção de subjetividade.

Para abordar a temática proposta, buscamos rastrear os múltiplos conceitos sobre família e suas interseções com a produção de subjetividade, utilizando a Teoria Sistêmica para explicar os membros familiares em relação dentro do território familiar.

Lançando mão de tais entendimentos, empreendi a tentativa de investigar como a Esquizaanálise contribui e pensa a subjetividade na dinâmica familiar, evidenciando a noção de subjetividade que perpassa o estudo e como as relações familiares afetam a produção de subjetividade.

Por fim, faço algumas considerações sobre o processo de desenvolvimento desse estudo, sem a pretensão de concluir verdades ou dar um fim conclusivo, mas deixar pistas para que processos de subjetivação possam ser construídos nos acontecimentos e encontros de um pensamento como devir.

2 FAMÍLIA: REDES E ENCONTROS

Falar sobre família na atualidade é entrar em um universo muito debatido e de muita disputa teórica. As numerosas concepções acerca da família advindas de teorias muitas, fazem com que o entendimento e a compreensão se tornem mais morosos e extensos. As novas configurações familiares acopladas à dinâmica única de cada família permitem que as discussões tomem rumos variados dando lugar a diversos segmentos do território familiar. As discussões se tornam ainda mais acaloradas quando as questões estão envoltas na família extensa, família nuclear, configuração familiar, recasamentos, divórcios, drogas. Em muitos debates, simpósios e conferências além de diversos artigos sobre o assunto, a dinâmica familiar é deixada de lado para dar voz à estrutura familiar, àquelas novas configurações familiares que nem sempre são aceitas e compreendidas.

Nesse sentido, o estudo aqui se pautará na exploração da dinâmica familiar de configurações familiares diversas, sejam elas extensas ou nucleares, partindo do pressuposto de que as famílias são afetadas por fatores muitos, entretanto é sua dinâmica familiar que afeta de forma mais significativa produzindo subjetividades e processos de subjetivação. Para tal compreensão, não pretendo negar o modo como a configuração familiar movimenta a família, mas enfatizar a dinâmica familiar como principal produtora de subjetividade no ambiente familiar independente da forma como a família se organiza, concebendo a dinâmica familiar não fechada em si mesma, mas porosa, móvel, rizomática. Sempre a ser construída com o dentro-fora que compõe a rede social.

Para pensar famílias que buscam formas estáticas e reguladoras de interação, podemos refletir com Espinosa, filósofo holandês do século XVII. Ao formular sua teoria sobre a ética, Espinosa (1983), trabalha o conceito de afecção de alegria, como um afeto pelo qual a alma passa a uma perfeição maior, e tristeza como uma afecção pela qual a alma passa a uma perfeição menor. As afecções estão intimamente ligadas à capacidade do indivíduo ou o esforço de preservação do seu ser, “portanto alegria e tristeza são o próprio desejo ou apetite, enquanto ele é aumentado ou diminuído, favorecido ou reduzido por causas exteriores, isto é a própria natureza de cada indivíduo” (ESPINOSA, 1983, p. 217).

Em consonância com Espinosa (1983), famílias que buscam o equilíbrio em seus modos de se relacionar nos conduzem a entender o funcionamento dos próprios membros familiares. Em busca de uma regra ou delimitação, os membros da família tentam afastar uma mutação no sistema advindo de uma dinâmica familiar porosa, tentando não se distanciar daquilo que já está pré-definido na família, o que pode ser pensado como uma perfeição menor. A afecção dos membros familiares aumenta e reduz em função da dinâmica assumida pela família em determinado momento, isto é, buscar a autoregulação do sistema é próprio dos membros familiares, porém abrir-se ao acaso aceitando uma mutação e reorganização pode conduzir cada membro familiar a uma afecção de alegria, valorizando sua essência e sua potência de agir.

Os padrões a que a família está exposta, conforme descritos por Minuchin (1982), bem como os modos como as transformações da sociedade afetam o sistema familiar, também modificam a subjetividade dos membros familiares. Guattari e Rolnik (2000) afirmam que a produção da subjetividade é constituída de toda forma de produção, sendo que o modo de produção se insere na linguagem, na família e pelos diversos equipamentos sociais. As grandes máquinas produtivas estão em conexão com as máquinas de controle social e psíquico, definindo a maneira de se perceber o mundo. Essas mutações permitem que a subjetividade circule na família e nos conjuntos sociais, sendo vivida e assumida na particularidade de cada membro familiar. Para os autores, não é a exteriorização de coisas externas que compõe a subjetividade, mas a produção ocorrida na multiplicidade de componentes que se cruzam, que se conectam e desconectam.

A partir dessas idéias, o território familiar torna-se, de acordo com Rapizo citado por Romagnoli (2003a), resultado das experiências recursivas de seus membros em relação. “Desse maneira, a família passa a construir realidades, formas e maneiras de se colocar no mundo permitindo a emergência de sujeitos, crenças e sintomas. O sistema não mais homeostático torna-se complexo e autopoietico” (ROMAGNOLI, 2003a, p. 23).

Nessa mutação da família, em meio à heterogeneidade do sistema, é possível observar processos de autoanálise e autogestão. Autoanálise praticada no momento em que os membros familiares assumem e se tornam “protagonistas de seus problemas, necessidades, interesses e desejos” (BAREMBLITT, 2002, p. 17), não se deixando levar apenas pelo acaso da dinâmica familiar e pelas transformações exteriores que afetam a família. E autogestão explícita na auto-organização da família, na construção de dispositivos e invenção de soluções para produzir relações, conexões e ligações dentro do território familiar. Esse campo de forças que afeta a família, sustentado pelas diferenças e interfaces do dentro e fora, constitui potências de vida no sistema familiar, potencializando rearranjos e novas ligações.

Com tantas revoluções novo paradigmáticas, a família foi ganhando espaço e se tornou objeto de pesquisas e alvo de estudos mais aprofundados. A rede de relações que se estabelece dentro do território familiar, passou a ser considerada fundamental para a socialização e desenvolvimento dos membros familiares. O espaço familiar e suas interações passaram a ser vistos como o ambiente que prepara os indivíduos para a sociedade contemporânea e globalizada.

Szymanski (2004) considera a família como um grupo de pessoas que por meio da convivência se reconhecem como família e propondo-se a ter uma relação afetiva duradoura, incluem o cuidado contínuo de seus adultos, jovens, crianças e idosos. Com base nessas ideias, Wagner (2002) entende a família como um palco de emoções marcantes e intensas da experiência humana. É o lugar onde é possível se conviver o amor e o ódio, a alegria e a tristeza, o desespero e a desesperança. A busca do equilíbrio das emoções juntamente com as transformações vividas na configuração desse grupo social, revela uma característica complexa a ser realizada pelas famílias.

A partir dos aspectos citados por Szymanski (2004) e Wagner (2002), a família pode ser compreendida como um rizoma constituindo-se como multiplicidades em um plano de imanência e que é composta por linhas. Deleuze e Parnet (1998) enfatizam três tipos de linhas: as linhas de segmentaridade dura, as linhas flexíveis e as linhas de fuga. Cada linha é de uma natureza diversa e se difere por sua modalidade de funcionamento.

Segundo os autores, as linhas duras relacionam-se com o funcionamento molar, reprodutivo, homogêneo e dicotômico da realidade compondo o plano de organização, no qual em uma temporalidade determina as formas de desenvolvimento e formação dos sujeitos. Caracterizam-se por segmentações deterministas que apontam para direções fixas e com recortes definidos, se afirmando em dispositivos de poder, fixando territórios.

Já as linhas flexíveis estão relacionadas com os fluxos moleculares e inventivos, à produção de diferença, à invasão intensiva, compreendendo devires e micro-devires. Elas caracterizam pequenas modificações e desvios que podem passar tanto pelo individual, como por grupos e sociedade.

O terceiro tipo de linhas, as linhas de fuga, relacionam-se com o imprevisível, com o encontro de uma saída pela via da diferença, pelo heterogêneo, pelo declive. Deleuze e Parnet (1998) as consideram como

[...] uma terceira espécie de linha, esta ainda mais estranha: como se alguma nos levasse, através dos segmentos, mas também através de nossos limiares, em direção de uma destinação desconhecida [...] abstrata, e, entretanto é a mais complicada de todas, a mais tortuosa: é a linha de gravidade ou celeridade, é a linha de fuga e de maior declive. (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 101).

Nesse sentido, a família pode ser considerada uma rede de criação composta por inúmeras conexões entre diferentes elementos. Sua dinâmica é concebida aqui como o móvel, como fluxo de continuidade e deslocamento. Dessa forma, a família-rizoma não se conduz nem pelo uno nem pelo múltiplo, mas pelo fluxo constante de movimento. Cada membro familiar ligado a essa rede é composto por vários tipos de forças e linhas, algumas criadoras outras conservadoras.

O plano de organização da família é imanente à exterioridade. Essa exterioridade afeta os modos como as intensidades circulam no território interacional familiar. Nessa mudança, a família produz encontros que a afetam e proporcionam deslocamentos, conexões e desconexões. A família então produz bons e maus encontros que potencializam suas linhas inventivas ou conservadoras.

Em busca de permanência e equilíbrio relacional a família tenta se guiar por territorializações, linhas duras, que já se estalaram em outro tempo-espço, mas que se modificados podem proporcionar “acontecimentos” tanto na relação quanto na subjetividade de seus membros. Uma dissolução nos padrões e normas instituídos pela família pode produzir bons encontros, transitando por caminhos antes barrados pela família.

Entretanto, mudar o rumo, sofrer variações, se guiar pelo novo, aceitar o criativo é por vezes complicado em se tratando de uma relação familiar já constituída. É por esse viés que as linhas flexíveis da família aparecem, deixando móvel, abrindo espaço em uma rigidez protegida. Diante de uma dinâmica totalmente inesperada e incontrolável, a família se adapta e reorganiza suas normas. Não que suas regras desapareçam, porém elas se tornam flexíveis articulando-se com modos outros de relação e convivência.

Por vezes, a subjetividade dos membros familiares é produzida e afetada devido a tantos abalos e desconexões. É no novo, no imanente, na sua potência criadora, na essência familiar que as linhas de fuga se fazem presentes. Essas mutações familiares promovem variações nos modos de expressão e relação dos membros de uma família. Por meio de agenciamentos subjetivos, a capacidade de lidar com as novidades trazidas pela superfície de produção emerge, dando lugar a auto-mudança de todo sistema. São as linhas de fuga que a família produz para se reorganizar e re-conectar, diante da potência criadora do caos.

Para Szymanski (1995), fora do contexto de família nuclear, as famílias são consideradas “incompletas” e “desestruturadas” além de serem as mais responsabilizadas por problemas emocionais, de comportamento ou de fracasso escolar. As próprias famílias, a partir de um modelo imposto pelas instituições, pela mídia e até por especialistas, aceitam que o jeito “certo” de se viver em família é baseado na família nuclear. Junto com a família extensa vem o discurso de incompetência e inferioridade, se referindo àqueles que não conseguem viver de acordo com o “modelo” imposto pelas sociedades de controle² (DELEUZE, 2004).

A realidade familiar é constituída da visão de mundo da família. A forma com que ela se interage e relaciona é legitimada por suas premissas, convicções, formas de pensar, ver e conhecer o mundo. Essa visão de mundo construída pela família se dá por meio de sua interação social, na medida em que as ações da sociedade são internalizadas nas relações entre os indivíduos e seu meio (AUN; VASCONCELLOS; COELHO, 2007). Em consonância com as autoras, tendo por base a 2ª cibernética, pensar em realidade pressupõe uma construção na qual cada membro familiar tem papel fundamental para modificação e transformação do contexto relacional.

Nesse sentido Romanelli (1995), afirma que

[...] a vivência familiar nunca é apenas a reposição de formas de conduta ou de modelos já estabelecidos, nem a família é instituição dedicada a assegurar a continuidade de inalterada do processo de reprodução social. Ao contrário, a ação da família, como grupo de convivência, é marcada por uma dinâmica intensa que demanda de seus integrantes um constante exercício de repensar o presente e o futuro, o que os leva a reorganizarem continuamente suas estratégias. (ROMANELLI, 1995, p. 76).

O universo familiar engendra-se por uma vibrante variedade de formatos de organização, atravessado por crenças, valores e práticas desenvolvidas na busca de soluções para as

² As sociedades de controle são o que Foucault reconhece como a instalação de novas forças que se anunciam em substituição às sociedades disciplinares. O controle é uma modulação auto-deformante, enquanto os confinamentos são moldes, distintas moldagens. Nas sociedades de controle nunca se termina nada e o essencial são as cifras que marcam o acesso a informação ou à rejeição. Nesse tipo de sociedade, os indivíduos são dividuais, divisíveis, não mais confinados, mas endividados. (DELEUZE, 2004, p. 219-226).

vicissitudes que a vida vai trazendo. “[...] Desconsiderar isso é ter a vã pretensão de colocar essa multiplicidade de manifestações sob a camisa-de-força de uma única forma de emocionar, interpretar, comunicar” (SZYMANSKI, 1995, p. 27).

Ao trazer as diferentes contribuições da teoria sistêmica e algumas interfaces da família com a Esquizoanálise, verifica-se que esta forma de organização, por sua vez, encontra-se na sociedade e por ela é produzida e escapa em um movimento correspondente ao do indivíduo.

Diante de tais considerações, busco concepções da sociedade de uma forma mais ampla a partir da Esquizoanálise na tentativa de fazer articulações com os efeitos produzidos na família. Assim o indivíduo, enquanto membro familiar, a família e a sociedade poderão ser pensados na complexidade de cada um e vistos pelas devidas produções a que estamos sujeitos.

3 PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE NO "ENTRE" DA DINÂMICA FAMILIAR

Toda forma de organização afeta diretamente aqueles que estão fazendo parte dela. Em qualquer ambiente nós somos regidos por normas, regras e padrões que definem nossa forma de comportar, de agir e até mesmo de pensar. Barenblitt (2002) observa a família como uma instituição de regulamentação que esclarece o que deve ser, o que está prescrito, o que não deve ser, além de definir lugares tais como: pai, mãe, filho, nora, genro, etc.

Sendo assim, a família opera em um movimento instituinte na produção da subjetividade de cada membro familiar, tendo este que traçar linhas de fuga para não se limitar à territorialização imposta pelos códigos familiares, tornando-se um institucionalizado diante desses padrões.

Segundo Deleuze (2004), a família é um “interior” em crise assim como uma prisão, um hospital, uma fábrica, uma escola ou uma empresa, pois se classifica como um meio de confinamento que pretende modelar e definir cada sujeito a partir de padrões que lhes foram impostos por meio da sociedade mais ampla.

Nesse sentido, a produção de subjetividade de cada sujeito se dá [também] a partir de linhas de segmentaridade dura, ou seja, o indivíduo é recortado por inúmeros padrões impostos pela família, empresa ou escola que pretendem delinear-lo, direcioná-lo e lhe impor sentido. Guattari e Rolnik (2000), salientam que toda a segmentaridade dura, todas as linhas de segmentaridade dura envolvem um certo plano que concerne, a um só tempo, as formas e seu desenvolvimento, os sujeitos e sua formação.

A noção de “interior” nas sociedades de controle contemporâneas diante das famílias extensas, pode ser pensada como um rizoma. No rizoma, os componentes e conexões que configuram as famílias como territórios subjetivo-coletivos autopoieticos não são privilegiados, necessariamente, diante de tantos agenciamentos maquínicos e discursivos presentes no contexto social mais amplo. As famílias fazem parte, tornam parte na produção de subjetividade.

Para Deleuze e Guattari (1995) o rizoma

[...] conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza. [...] O rizoma não se deixa reconduzir nem ao Uno nem ao múltiplo. [...] Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes de direções moveidças. Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda. [...] Uma tal multiplicidade não varia suas dimensões sem mudar de natureza nela mesma e se metamorfosear. [...] O que está em questão no rizoma é uma relação com a sexualidade, mas também com o animal, com o vegetal, com o mundo, com a política, com o livro, com as coisas da natureza e do artifício, relação totalmente diferente da relação arborescente: todo tipo de "devires". Um platô está sempre no meio, nem início nem fim. Um rizoma é feito de platôs. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 31-32).

De acordo com os autores, o rizoma compreende linhas de segmentaridade pelas quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído. Porém, o rizoma compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar. Há uma ruptura no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, reconhecendo contudo, que a linha de fuga faz parte do rizoma.

Sobre as linhas, Neves (2004) pontua:

A criação do termo “linhas”, por Deleuze e Guattari, visa desmontar a idéia de um ponto de partida, de uma origem, de um ponto de chegada. As linhas são os elementos constitutivos das coisas, dos acontecimentos. As linhas de fuga compõem o plano do desejo em sua fruição radical, desarticulam os traçados e operam aberturas para as singularidades diferenciais (afirmativas e criadoras), para as forças do fora que nos fazem “sair de si”. (NEVES, 2004, p. 17).

O grande desafio da família na contemporaneidade é não aceitar e reproduzir esses padrões que lhe são impostos, permitindo por meio de linhas flexíveis ou linhas de fuga, a produção de processos de subjetivação que se situem muito mais na dinâmica a qual a família está inserida do que em seu formato de organização, em sua configuração. A família, dessa forma, se guia pela superfície de produção mesmo que a superfície de controle seja imanente a ela.

Deleuze e Guattari conforme assegura Baremlitt (2003), entendiam a realidade compreendida por três superfícies imanentes que, a saber, são a superfície de produção, a superfície de registro-controle e a superfície de consumo.

A superfície de produção é geradora de tudo que existe e constituída de intensidades puras. Cada uma dessas intensidades possui uma singularidade diferente, são elementos infinitamente múltiplos e estão em constante mudança, uma vez que são compostos de desejo e produção. Esta superfície é integrada por duas entidades, o corpo sem órgãos, uma espécie de rede onde se dispõem as intensidades, e as máquinas desejantes, essas intensidades que se conectam ao acaso. Na superfície de produção, o processo de composição das máquinas desejantes opera por meio de sínteses conectivas e, ou seja, os elementos que constituem a subjetividade se ramificam, encontram, desencontram e se auto-organizam, se entrelaçando a outros elementos onde realizam trocas cujo princípio é sempre o múltiplo e o mutável.

A superfície de registro-controle antecipa, seleciona, aceita e captura o que é produzido na superfície de produção, além de destruir e reprimir suas novidades. É destinada a utilizar tudo o que se produz a serviço da reprodução, da sociedade, da natureza, da subjetividade. Na superfície de registro controle as máquinas desejantes compõem-se de sínteses reprodutivas e antiprodutivas ou... ou..., isto é, seus elementos são compostos de forma estática respondendo ou a isto ou aquilo. Dessa forma, desenham uma realidade previsível, produzindo uma subjetividade limitada, sem significação e totalmente controlada pelo social, terminando na produção de uma subjetividade restrita e fechada ao acaso.

Na superfície de consumo tudo o que é produzido é consumido, tanto o admitido pela superfície de controle, quanto às novidades que escapam ao controle. Nela, ocorrem encontros de revolução e invenção juntamente aos poucos consumos necessários. Trata-se de um consumismo exacerbado e predominância antiprodutiva de produção de descartáveis que levam ao desperdício da natureza e da força de trabalho. As sínteses conectivas da superfície de consumo são de conjugação, operando na culminação da produção do inventivo e do consumo, ou seja, a subjetividade recebida pode ser vivida de forma criativa e expressiva ou em uma relação de alienação e opressão.

A família como rizoma, possui uma superfície de produção que afeta e é afetada, que produz e modifica subjetividades, que diante do caos de uma nova dinâmica não planejada, não esperada, se abre ao acaso e torna-se uma potência produtiva. Por outro lado, a superfície de registro-controle também está presente na família, sendo imanente a toda essa produção desejante. Tal superfície é movida pelas normas e condutas, pela forma de organização e con-

figuração familiar, pois o funcionamento familiar por vezes se guia pela homeostase, pelo estático, pelo controle.

Imanente à superfície de produção e à superfície de registro-controle, também é composição da família a superfície de consumo. Tudo que é apresentado pelos membros familiares como novo modo, uma forma outra de interação, é consumido e vivido dentro do território familiar. Contudo, nem todas as novidades são bem aceitas e muitas delas passam pelo filtro da superfície de registro-controle. É o que ocorre em famílias que vivem a nova orientação sexual de um filho, um membro que resolve mudar da religião-padrão da família, um nascimento ou um recasamento. Sendo assim, todo o novo, o criativo, a potência que desafia os limites, as linhas de fuga, são consumidos, vividos, se relacionam e interrelacionam no ambiente familiar.

Com esse movimento, a família afeta, é afetada e produz subjetividades a partir de um acontecimento, um encontro, devido àquela dinâmica de funcionamento familiar.

Segundo Parpinelli e Souza (2005), a subjetividade é concebida pela Esquizoanálise como um sistema aberto, constituído de múltiplas e diferentes forças. Guattari citado pelos autores, denomina essas forças como

Equipamentos coletivos de subjetivação ou Componentes de subjetivação, conceitos que podem ser entendidos como um agregado de inúmeras máquinas que compõem a realidade. [...] Ao invés de pensar um sujeito de contornos limitados e fechado em si, a partir do qual a subjetividade brota, melhor seria pensar no cruzamento de múltiplos componentes de subjetivação que se ligam e religam e acabam influenciando a constituição da subjetividade. (GUATTARI apud PARPINELLI; SOUZA, 2005, p. 480).

Segundo Romagnoli (2003b), o território familiar é o lugar em que a maioria das subjetividades se entrecruzam. O ambiente familiar é afetado não apenas pelo que é vivido em seu interior, intensivo, como também por tudo o que é externo, extensivo, tudo o que vivemos fora do território familiar. O que nos afeta no trabalho, na escola ou com os amigos nos modifica e produz diferentes formas de pensar. Cada um dos componentes familiares é afetado de um certo modo e a partir disso passam a interagir de diversas formas. Quando toda essa afecção é vivida e se encontra dentro do território familiar, as subjetividades se cruzam, se conectam, se transformam, se modificam e produzem ainda mais a subjetividade de cada membro. A família sofre os efeitos de cada membro, assim como os membros são afetados pela família. Segundo Romagnoli (2003b),

Independente de seu tamanho e de sua formação, as famílias funcionam como receptoras, enunciadoras e interceptadoras de fluxos variados, constituindo aglomerações percorridas por intensidades. Espaço heterogêneo, meio de subjetividades em formação, abalado a todo instante por fluxos que o atravessam. Devir casal, devir pai, devir mãe, devir filho, ponto de partida para a produção de fluxos, ponto de chegada para o acolhimento de fluxos, ponto de interceptação de vários fluxos que o percorrem. Complexidade de encontros, passagens, agenciamentos, represamentos, obstruções. (ROMAGNOLI, 2003b, p. 41).

Nessa perspectiva, Romagnoli (2003a), propõe uma abertura para a exterioridade buscando agenciamentos e conexões que permitam migrar a compreensão da relação familiar para o que ocorre com a família quando ela é afetada pelas forças advindas de fora. “Ousar pensar a família com base nos encontros que se efetuam e geram ou não transformações possibilita [...] uma desterritorialização, um nomadismo, uma disponibilidade para algo que pode vir a ser” (ROMAGNOLI, 2003a, p. 25).

Schnitman citado por Romagnoli (2003a), compreende que os novos paradigmas ressaltam a recursividade distanciando-se da objetividade e reconhecendo a importância do acaso e da auto-organização. Dessa maneira, Romagnoli (2003a), assinala que a família constrói realidades, formas e maneiras de se reorganizar e de se colocar no mundo, tornando-se um sistema complexo e autopoietico e não mais homeostático. A família engendra-se de acordo com suas possibilidades de autopoiese.

Para Minuchin citado por Macedo (1994),

a família é vista como o primeiro espaço psicossocial, protótipo das relações a serem estabelecidas com o mundo. É a matriz da identidade pessoal e social, uma vez que nela se desenvolve o sentimento de pertinência que vem com o nome e fundamenta a identificação social, bem como o sentimento de independência e autonomia baseado no processo de diferenciação, que permite a consciência de si mesmo como alguém diferente e separado do outro. (MACEDO, 1994, p. 63).

Entretanto, essa autonomia adquirida pelo indivíduo na composição de família, se torna significativamente limitada se pensarmos nos dispositivos de poder que as linhas duras impõem para fixar o código e o território do segmento correspondente (DELEUZE; PARNET, 1998).

Operando como dispositivo de poder, a família impõe convenções que restringem a potência criativa do acaso. Todos os “acontecimentos” e “encontros” de uma dinâmica familiar causam um movimento na família que acaba por transformar certos costumes e regras e modificar formas estáticas de relacionamento e interação.

Para balizar mais solidamente esses conceitos advindos da Esquizoanálise, Baremblytt (2003) retoma algumas idéias do filósofo Bergson no que tange a essência da realidade. Para

Bergson a realidade compõe-se do real, do possível e do impossível. Porém, Bergson acrescenta uma dimensão da realidade denominada por ele como virtual.

O virtual não existe, nem se pode afirmar que seja possível ou impossível, simplesmente por não haver como pensá-lo, antecipá-lo, predizê-lo ou negá-lo. Ele apenas se torna conhecido quando vem à tona e se atualiza, ou seja, quando devém atual. Entretanto, o virtual ainda não atualizado é a parte mais importante da realidade, só sendo possível esse entendimento quando ele se atualiza, o que sempre ocorre com a novidade, com a diferença absoluta, que anteriormente não era pensável, dizível, nem previsível por meio do real, do possível ou do impossível (BAREMBLITT, 2003, p. 61).

Quando se dá essa atualização, emergem novos efeitos e processos, revoluções, que efetuam-se como “encontros” entre os corpos materiais e energéticos e “acontecimentos” entre os sentidos e valores.

Partindo das considerações de Deleuze (2004), a subjetivação é uma individuação particular ou coletiva que caracteriza um acontecimento (uma hora do dia, um rio, um vento, uma vida...). Um processo de subjetivação não pode se confundir com um sujeito, a menos que este seja totalmente destituído de sua interioridade e identidade. Os acontecimentos não se explicam pelos estados de coisas que os suscitam ou nos quais eles tornam a cair. Eles se elevam por um instante e é esse momento que é importante, é a oportunidade que é preciso agarrar.

A dinâmica familiar pensada como uma conexão que possibilita acontecimentos e encontros causa um abalo na família, seja proveniente de um divórcio, um nascimento, um recasamento. Essa mutação permite que a família se abra ao acaso, modificando a subjetividade daqueles que estão participando da convivência familiar. A subjetividade é então produzida e modificada a cada movimento familiar, aos acasos e à dinâmica que a família assume naquele momento. Tal dinâmica funciona como uma potência criativa, como uma força, um dispositivo que tem o poder de modificar e alterar formas de pensar e de se comportar.

Para Barembritt (2003),

Toda potência produtiva da realidade em qualquer âmbito de que se trate depende mais dessa natureza caótica, dos encontros ao acaso, [...] mais do que desse planejamento racional e exploratório que se faz daquelas áreas de regularidades sujeitas a leis. O que Guattari propõe, tanto como tema de investigação, de pesquisa, como forma de atuação ética, como forma de militância política, é a construção de dispositivos que tenham em conta essa potência produtiva do caos, do acaso, e elaborem estratégias e técnicas destinadas a produzir formações complexas no seio do acaso. Isto quer dizer formações mais ou menos ordenadas, mas com uma ordem elástica, com uma ordem fraca, que permita o efeito produtivo, que permita a emergência do caos criador. (BAREMBLITT, 2003, p. 23-24).

Nesse sentido, Deleuze e Guatarri retomam a teoria da música, conforme aponta Barembllit (2003), para afirmar que todo discurso, toda forma de saber, depende de como afeta e como é afetado. É o que importa, pois em si são apenas pensamentos, mas que unidos, conectados, formam um novo saber, uma forma criativa de pensar o mundo. Pensando por esse viés, os componentes familiares estão a todo momento sendo afetados pela dinâmica familiar e afetando de acordo com sua forma de se relacionar, com sua subjetividade que está sempre se produzindo e com as possibilidades de devir do sistema familiar. Para os autores, segundo Barembllit (2003), cada um dos recursos desses saberes ressoa entre si, nos espaços da realidade. Essa ressonância pode ser ouvida em dimensões tais como a Harmonia, a Desarmonia, a Consonância, a Dissonância, a Fuga, o Contraponto, o Ritmo.

Há na dinâmica familiar, uma multiplicidade de elementos, modos e formas de produção de subjetividade. Entrelaçado a toda essa produção, o processo de subjetivação é único e singular de modo que nem sempre o que afeta um membro familiar afeta outro da mesma forma e do mesmo modo. O sentido que cada um dá àquela produção, ao novo que se instala, é imanente ao múltiplo (CARVALHO, 2005, p. 120).

Por mais que o sistema familiar tenha possibilidade de engendrar-se no acaso e no mutável e se modificar diante do caos, as formas criativas e inventivas são tidas muitas vezes como um abalo, uma crise familiar. Entretanto, quando as novidades são aceitas e passam a integrar a realidade da família, uma forma outra de interação se instala. Porém, quando a família está totalmente fechada em sua homeostase estática e padronizada, o criativo se instala na dinâmica familiar em busca da mutação dos membros familiares.

Os encontros que cada componente familiar estabelece com a dinâmica da família, podem transformar totalmente as convenções familiares e atualizar por meio de linhas virtuais, a forma de funcionamento familiar, pois um encontro em si, já é um processo criativo, uma produção desejante. Desse modo, tanto o interno quanto o externo atuam de forma inseparável, saindo totalmente fora do domínio da superfície de registro-controle da família.

Nesse sentido, a família pode ser pensada como um rizoma, uma raiz que não é possível descrever onde começa e onde termina, apenas é possível entender que a cada ponto, a cada acontecimento, afeta e é afetada. Assim como cada ser, a família também é um devir. A sua dinâmica, o seu funcionamento é o que é perceptível, mas a partir dela também ocorre a produção do novo, a virtualidade, pois seu funcionamento atual é atualizado a cada produção de subjetividade e a cada mudança em sua dinâmica.

Zourabichvili (2004), afirma que

O virtual é a insistência do que não é dado. Apenas o atual é dado, inclusive sob a forma do possível, isto é, da alternativa como lei de divisão do real que atribui de imediato minha experiência a um certo campo de possíveis. Mas o fato de que o virtual não seja dado não quer dizer que o seja alhures ou por um outro: tal seria o outro sentido do possível como mundo expresso por outrem, isto é, como ponto de vista - perceptivo, intelectual, vital - diferente do meu. [...] Que haja virtual significa portanto, em primeiro lugar, que nem tudo é dado, nem passível de ser dado. Significa, em seguida, que tudo o que acontece só pode provir do mundo - cláusula de imanência e de crença correspondente. (ZOURABICHVILI, 2004, p. 62-63).

Conforme Souza (2004), o pensamento nômade expresso por Deleuze e Guattari nos permite acumular idéias diferentes por estar sempre em movimento, nos permite pensar em afetar e ser afetado a partir dos encontros, com a finalidade última de acreditar na potência da vida. É da vida que iremos puxar as linhas de fuga, aquilo que lhes escapa como potência transformadora. Refletindo com Souza (2004), a família tem em sua essência toda potência transformadora capaz de produzir subjetividades. Os encontros de cada componente familiar trazem para a família uma multiplicidade de pensamentos nômades, que tem como finalidade atualizar através de linhas virtuais, a dinâmica familiar. A família tece então, linhas de fuga não para manter sua homeostase, mas para se reorganizar e repensar sua maneira de se colocar dentro daquela interação. É a família engendrando-se no novo, no criativo, no diferente.

A potência da produção, da criação só é possível por meio de interações. Desse modo, um mau encontro, uma dinâmica familiar que abala toda conjuntura, códigos, horários e funcionamento familiares podem fazer com que a família se distancie de sua potência, de sua intensidade, de sua essência (ROMAGNOLI, 2003b). Entretanto, é também no acaso que a família pode abrir-se a toda sua potência, ao devir. A família como um rizoma é uma organização totalmente integrada, em aliança, afetada, é a família-escola, a família-sociedade, a família-trabalho, a família-pais, a família-filhos e tudo aquilo que de uma forma ou de outra, está no “entre” a interação familiar.

Ainda segundo Souza (2004), por exterioridade entende-se os encontros com o outro, com as condições históricas, políticas, econômicas, com todas que determinam a cotidianidade de cada um e de todos nós. E, como sujeitos sociais e históricos, acreditamos que podemos a todo momento estar insatisfeitos, não acomodados e produzindo modificações no fluxo dos acontecimentos. Nesse sentido, os acontecimentos ocorridos na família que não foram esperados e programados, são imanentes a toda exterioridade a que a família está exposta. As alterações de fluxo da família ocorrem tanto em função da interioridade humana, quanto da exterioridade das relações e é nesse ponto que uma dinâmica já totalmente consolidada sofre uma mutação e se reorganiza.

4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES: O PENSAMENTO COMO DEVIR

Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. (DELEUZE, 1997, p. 11).

Pontuar considerações finais em um estudo onde fluxos inventivos foram experimentados no “entre”, não é uma tarefa fácil. Não foram raras às vezes em que as linhas duras se instalaram em mim, me fazendo tecer idéias e pensamentos que deveriam ser ou isto ou aquilo. Produzir através do encontro com a lógica rizomática do “e” também não foi nada fácil, bem como deixar fluir em mim linhas flexíveis e ousar dizer, talvez até linhas de fuga!

É nesse sentido que pensei em deixar “algumas considerações”, não com a pretensão de concluir uma idéia, finalizar um pensamento ou dar um fim conclusivo a um estudo, mas com o objetivo de produzir devires, novos fazeres, possibilitar processos de subjetivação a partir de um ponto qualquer desse estudo, assim como um rizoma que não tem um lugar específico de princípio ou fim. E mais ainda, quem sabe o pensamento como devir possa criar novas armas, novos modos de vida em oposição a todo modelo reducionista e simplificante que encontramos por aí. Espero que essas linhas que escrevi conectem-se a outros mundos possíveis permitindo surgir o novo para os leitores, emergindo sentidos outros, pulsantes e nômades.

Ao resgatar a família como produtora de subjetividade nos territórios subjetivo-coletivos, propus aqui a investigação dos processos de subjetivação dos membros familiares, pensando uma reterritorialização de modos possíveis em um contexto onde a subjetividade desliza-se na dinâmica familiar. A dinâmica familiar tratada aqui foi percebida como aberta, mutável, rizomática em vias de encontro com o dentro-fora que compõe o território familiar.

A pesquisa foi norteada a partir da inquietação de que o que realmente afeta a subjetividade dos membros familiares é sua dinâmica de funcionamento. Entretanto, o estudo revelou que também a configuração familiar movimenta fluxos e modos de vida familiares, mas de forma muito mais potente, a dinâmica familiar é que vai delineando a potência de vida da família.

Para minha surpresa, a Esquizoanálise se fez presente no estudo, apresentando possibilidades de vida múltiplas, transformadoras e produtivas e em meio a tantas leituras que fiz, produziu em mim uma desterritorialização que me fez atentar para os tantos outros agenciamentos que abrem territórios e se conectam a invenção de modos de vida diferentes. Em outras palavras, no estudo foi possível perceber que a família afeta de forma singular a subjeti-

vidade de seus membros assim como ela própria é afetada pelos agenciamentos maquínicos e microfascismos cotidianos.

Por outro lado, a partir das experiências vivenciadas nesse mesmo contexto, há a possibilidade de se aprender a “criar um tornar-se menor” (DELEUZE, 1977, p. 42). Os processos de subjetivação dos membros familiares são a própria potência de vida e essência da família, imanentes a sua auto-organização e a necessidade de um pensamento novo para se pensar e para se viver.

Lançando mão da Teoria Sistêmica, compreendemos os membros familiares como sujeitos em relação, enquanto uma rede de criação constituída por elementos diversos, nas quais afetos e ações se misturam e transformam a realidade familiar. O encontro dos membros familiares como sujeitos em relação, potencializa a invenção de agenciamentos singulares produzindo realidades plurais, multiplicidades e novas composições.

Para além de compreendermos conceitos e aplicarmos no campo familiar, minha proposta aqui foi compor, decompor e recompor a multiplicidade de forças que pode produzir a subjetividade evidenciando assim, como todo esse movimento se entrelaça e inventa seu próprio fluxo de vida. Na imanência familiar, linhas duras, linhas flexíveis e linhas de fuga abarcam uma diversidade criadora e conservadora. Nesse sentido, ora a família se vê sedimentada e fixa em seus padrões de funcionamento e ora ela se abre ao novo, permitindo estalar na sua rede porosa intensidades diversas, agenciamentos que promovem uma revolução molecular no dentro-fora que conjuga o caos, o múltiplo e o mutável familiares.

Desse modo, a família-rizoma pode ser entendida a partir dessa perspectiva, como um dispositivo que no “entre” da Psicologia engendra-se no deslocamento da subjetividade, a afeta, desterritorializa e viabiliza múltiplos processos de subjetivação. Toda dimensão “entre” pode fazer eclodir o intensivo, atualizando potências. Apostando na subjetividade móvel, vem à tona a possibilidade da instauração de uma renovação, uma ressignificação, inventando agenciamentos para novas existências e modos outros de conexão.

Uma querida professora disse em uma de suas aulas que eu tive o prazer de assistir: “Relaxe, tudo está fora de controle!” ao se referir ao pensamento de Deleuze e Guattari. Tive um encontro tão bom com essa afirmação que resolvi pensá-la na família. Se as linhas da família permitem a osmose e são constitutivas da subjetividade, então esse é um universo que se lança no caos, naquilo que não quer se assemelhar, se assujeitar e está sempre na interface do heterogêneo, das intensidades, da diferença pura. Entretanto, submersa nessa imanência, na família há territórios mais duros e mais dinâmicos assim como a subjetividade de seus membros, por vezes mais endurecida ou flexível.

Através da tessitura familiar, esse estudo embarcou na tentativa de conhecer aquilo que favorece o desenvolvimento de um paradigma ético-estético-político, buscando se desvencilhar do que está imposto, dito, pautado e caminhando rumo às diferenças, criando saídas onde antes não havia, experimentando movimentos de mundo e se propondo a acontecer em meio às intensidades e fluxos da complexidade familiar.

Enfim, identificar na família toda a potência que permite conectar linhas, segmentos, fugas, superfícies, platôs, produção e rupturas, é configurar caminhos e [por que não?], um novo fazer, singular e múltiplo para Psicologia.

REFERÊNCIAS

AUN, Juliana G.; VASCONCELLOS, Maria. J. E.; COELHO, Sônia V. **Atendimento sistêmico de famílias e redes sociais: o processo de atendimento sistêmico**. Belo Horizonte: Oficina de Arte & Prosa, 2007. v. 2.

BAREMBLITT, Gregório. **Introdução à Esquizoanálise**. 2. ed. Belo Horizonte: Instituto Félix Guattari, 2003.

BAREMBLITT, Gregório. **Compêndio de Análise Institucional e outras correntes: teoria e prática**. 5. ed. Belo Horizonte: Instituto Félix Guattari, 2002.

CARVALHO, Jairo Dias. A imanência, apresentação de um roteiro de estudo sobre Gilles Deleuze. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 28, n. 1, p. 119-132, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/trans/v28n1/29410.pdf>>. Acesso em: 07 fev. 2014.

DELEUZE, Gilles. **Conversações: 1972-1990**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2004.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997. 176 p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka: por uma literatura menor**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 1995. v. 1. 94 p.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos: 1925-1995**. São Paulo: Escuta, 1998.

ESPINOSA, Benedictus de. **Pensamentos metafísicos; Tratado de correção do intelecto; Ética, Tratado político; Correspondências** / Baruch de Espinosa; seleção de textos de Marilena de Souza Chauí et al. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. Coleção Os Pensadores.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

MACEDO, Rosa Maria. A Família do ponto de vista psicológico: lugar seguro para crescer? **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.91, p.62-68, nov. 1994. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/788.pdf>>. Acesso em: 09 nov. 2013.

MINUCHIN, Salvador. Um modelo familiar. In: MINUCHIN, Salvador. **Famílias: funcionamento e tratamento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982, cap. 3, p. 52-69.

NEVES, Claudia Elizabeth Abbês Baeta. Modos de interferir no contemporâneo: um olhar micropolítico. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 56, n. 1, p. 2-19, jun. 2004. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arp/v56n1/v56n1a02.pdf>>. Acesso em: 04 fev. 2014.

PARPINELLI, Roberta Stubs; SOUZA, Edmilson Wantuil Freitas de. Pensando os fenômenos psicológicos: um ensaio Esquizoanalítico. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 10, n. 3, p. 479-487, set./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v10n3/v10n3a15.pdf>>. Acesso em: 09 nov. 2013.

ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. Os encontros e a relação familiar: uma leitura Deleuziana. **Arquivos brasileiros de Psicologia**, v. 55, n. 1, 2003a. Disponível em: <<http://seer.psicologia.ufrj.br/index.php/abp/article/view/4/5>>. Acesso em: 09 nov. 2013.

ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. **Clínica e vida no trabalho com famílias**. 2003b. 210f. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, São Paulo.

ROMANELLI, Geraldo. Autoridade e poder na família. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (Org.). **A família contemporânea em debate**. São Paulo: EDUC/Cortez, 1995. p. 73-88.

SOUZA, Sílvia Regina Eulálio de. **O pensamento nômade e a prática da Psicologia em desterritorialização**. 2004. 181f. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, São Paulo.

SZYMASNKI, Heloisa. Teorias e “teorias” de famílias. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (Org.). **A família contemporânea em debate**. São Paulo: EDUC/Cortez, 1995. p. 23-38.

SZYMASNKI, Heloisa. Práticas educativas familiares: a família como foco de atenção psicoeducacional. **Revista Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 21, n. 2, p. 5-16, maio/ago. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v21n2/a01v21n2.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2014.

WAGNER, Adriana. Possibilidades e potencialidades da família: a construção de novos arranjos a partir do recasamento. In: WAGNER, Adriana. (Org.). **Família em cena: tramas, dramas e transformações**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 23-38.

ZOURABICHVILI, François. **O vocabulário de Deleuze**. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 2004.